

A DIFÍCIL TAREFA DE FALAR SOBRE A MORTE NO AMBIENTE HOSPITALAR

Lara Vento Moreira Lima

Graduanda em Medicina pela Universidade Evangélica de Goiás
laravento.unievangelica@gmail.com

Luís Henrique da Silva Costa

Graduado em Psicologia pela Faculdade Pitágoras São Luís - MA, Pós-graduado em tanatologia pela Faculdade UNIBF, Pós-graduado em Psicologia Hospitalar pela Faculdade Anhanguera
psi.luishenrique@gmail.com

A morte é uma das únicas certezas universais que todos os seres humanos enfrentam, contudo, continua a ser um dos assuntos mais difíceis de abordar, especialmente no ambiente hospitalar. O contexto hospitalar, com sua estrutura voltada para a cura e a recuperação, frequentemente vê a morte como um fracasso ou um tabu, dificultando conversas abertas e honestas sobre o fim da vida. Este cenário é particularmente desafiador para os profissionais de saúde, pacientes e suas famílias, que muitas vezes se veem despreparados para lidar com a inevitabilidade da morte e o luto subsequente. A literatura revela que uma comunicação eficaz sobre o fim da vida pode melhorar significativamente a qualidade de vida dos pacientes e facilitar um processo de luto mais saudável para as famílias. No entanto, barreiras significativas, como o tabu cultural, a falta de treinamento adequado e a pressão para manter a aparência de força, ainda precisam ser superadas. Estratégias como a integração de cuidados paliativos e a formação contínua em comunicação podem ajudar a promover uma abordagem mais humanizada e compassiva no cuidado de fim de vida. Este estudo contribui para a compreensão dessas dinâmicas e sugere caminhos para melhorar a comunicação sobre a morte nos hospitais.

INTRODUÇÃO

A complexidade de abordar a morte no ambiente hospitalar é multifacetada. Envolve aspectos emocionais, psicológicos, culturais, religiosos e éticos, todos eles desempenhando um papel significativo na forma como a morte é percebida e enfrentada (Pereira, Bezerra, 2015). Profissionais de saúde, como médicos, enfermeiros e psicólogos, enfrentam o dilema de equilibrar a necessidade de informar e apoiar os pacientes e suas famílias, enquanto também lidam com suas próprias emoções e a pressão para manter uma aparência de força e profissionalismo (Duarte, Almeida, Popim, 2015).

Do ponto de vista do paciente e de suas famílias, a iminência da morte pode ser uma fonte de extrema angústia e medo. A falta de comunicação clara e empática pode exacerbar essa situação, levando a sentimentos de isolamento e desespero (Santana et al., 2015). Segundo Duarte, Almeida e Popim (2015) uma comunicação eficaz sobre o fim da vida pode melhorar significativamente a qualidade de vida dos pacientes em seus últimos dias, proporcionando-lhes conforto e dignidade, além de ajudar as famílias a processarem o luto de maneira mais saudável.

Culturalmente, a morte é percebida de maneiras variadas, e essas percepções influenciam profundamente como as conversas sobre a morte são conduzidas (Da Silva Costa, 2024). Em muitas sociedades, falar sobre a morte

é considerado um tabu, um assunto a ser evitado. No entanto, evitar essas discussões pode levar à falta de preparação emocional e prática, resultando em decisões médicas que podem não refletir os desejos e valores do paciente. A integração de cuidados paliativos, que enfatizam o alívio do sofrimento e a qualidade de vida, é uma abordagem que tem mostrado resultados promissores na facilitação dessas conversas difíceis.

Do ponto de vista ético, os profissionais de saúde enfrentam o desafio de respeitar a autonomia do paciente enquanto proporcionam cuidados que são, ao mesmo tempo, compassivos e baseados em evidências. A decisão de quando e como iniciar discussões sobre o fim da vida é delicada e requer sensibilidade, treinamento e experiência. Adicionalmente, a formação profissional em comunicação sobre a morte e o luto é frequentemente inadequada, deixando muitos profissionais mal preparados para estas conversas cruciais.

Assim, a difícil tarefa de falar sobre a morte no ambiente hospitalar é um tema que merece atenção aprofundada. Reconhecer as barreiras existentes, bem como desenvolver estratégias eficazes para superá-las, é essencial para melhorar a experiência de pacientes e famílias, além de apoiar os profissionais de saúde em suas funções. A promoção de uma cultura de abertura e aceitação em relação à morte pode contribuir significativamente para o bem-estar emocional e

psicológico de todos os envolvidos, facilitando uma abordagem mais humanizada e compassiva no cuidado de fim de vida.

METODOLOGIA

O trabalho desenvolvido seguiu uma análise de revisão bibliográfica, ou revisão de literaturas, sendo um critério qualitativo das amplas publicações concernente à determinada área do conhecimento ou da respectiva temática. Para Gil (2008) a definição de um conhecimento só pode ser classificada como saberes científicos, após a identificação das devidas operações técnicas que viabilizem a verificação, ou seja, determinar o método que possa possibilitar a chegada a determinado conhecimento.

Diante do exposto pelo autor, a pesquisa bibliográfica procura estudar, estruturar e discutir um tema com base em referências teóricas publicadas em livros, revistas, artigos, periódicos e outros. A coleta de dados seguiu a premissa de leitura exploratória de todo o material selecionado, aplicando uma leitura seletiva de cunho mais aprofundado das partes que realmente seriam próprias para o desenvolvimento do trabalho, as partes ou assuntos que não tinham semelhança com a temática foram descartadas. O registro das informações serviu de ferramenta específica (A morte e o morrer, A cultura e a morte, Psicoeducação, Comunicação de más notícias, Papel dos profissionais de saúde no acolhimento etc.).

Os artigos científicos relacionados ao tema foram acessados na base de dados: Google acadêmico, Scielo (*Scientific Electronic Library Online*), Biblioteca Virtual em Saúde, publicados nos anos 2015 e 2024, onde encontramos 95 artigos, mais utilizou-se 24 artigos a partir dos seguintes descritores já mencionados, cabe também ressaltar que o trabalho que os autores tiveram o compromisso em citar os respectivos autores utilizados no artigo, respeitando a diretriz da norma brasileira (ABNT), o que foi ex-

traído dos documentos aplicou-se criteriosamente com finalidade científica.

O Tabu da Morte: Por Que é Tão Difícil Falar Sobre Isso?

A morte, um fenômeno inevitável e universal, permanece um dos tópicos mais desafiadores e evitados, especialmente no ambiente hospitalar (De Lucena et al., 2014). Embora seja um evento natural no ciclo da vida, a sociedade em geral, e os profissionais de saúde em particular, frequentemente se deparam com dificuldades substanciais ao abordar o tema com pacientes e suas famílias (Da Silva Costa, 2024). Explorar as razões subjacentes ao tabu da morte nos hospitais e as implicações dessa relutância em discutir o fim da vida torna-se importante.

Segundo De Paula e De Souza (2020) a formação médica e o próprio ethos dos profissionais de saúde focam predominantemente na cura e na manutenção da vida. Médicos, enfermeiros e outros membros da equipe hospitalar são treinados para salvar vidas, enfrentar doenças e promover a recuperação (Da Silva Costa, 2024). Consequentemente, a morte é muitas vezes vista como um fracasso, algo a ser evitado a todo custo. Este foco na sobrevivência pode criar uma aversão psicológica à discussão sobre a morte, visto que tal conversa pode ser percebida como um abandono da luta contra a doença (Pereira, Bezerra, 2015).

Além disso, os profissionais de saúde podem sentir-se mal preparados para lidar com as conversas sobre o fim da vida. Embora a medicina paliativa tenha ganhado reconhecimento e importância nas últimas décadas, muitos médicos e enfermeiros ainda relatam falta de treinamento adequado em comunicação sobre a morte (Santana et al., 2015). A ausência de habilidades específicas para abordar questões delicadas, como a transição para cuidados paliativos, a limitação de tratamentos invasivos ou a preparação para o

falecimento, contribui para a evasão do tema (Schmitt, 2023). Essa carência de preparação é exacerbada pela pressão do tempo e pela sobrecarga de trabalho típica dos ambientes hospitalares, onde conversas profundas e emocionalmente intensas são frequentemente relegadas a segundo plano.

O impacto emocional da morte sobre os próprios profissionais de saúde também não deve ser subestimado. A morte de um paciente pode desencadear sentimentos de tristeza, frustração, e, em alguns casos, impotência. Esses sentimentos são, muitas vezes, internalizados e podem levar à evasão da temática da morte como um mecanismo de defesa. Para médicos e enfermeiros que desenvolvem laços com seus pacientes, a morte representa uma perda pessoal, complicando ainda mais a disposição para discutir o assunto (Duarte, Almeida, Popim, 2015).

No âmbito cultural, a sociedade ocidental em particular tem uma tendência a evitar o tema da morte. Segundo Da Silva Costa (2024) a morte é frequentemente cercada por um manto de silêncio e medo, e isso se reflete na relutância geral em falar sobre o fim da vida. Muitos pacientes e familiares compartilham este sentimento de desconforto, preferindo focar em tratamentos e curas em vez de contemplar a morte. Este tabu cultural é espelhado no ambiente hospitalar, onde conversas sobre prognósticos negativos ou sobre a morte podem ser percebidas como insensíveis ou prematuras (Schmitt, 2023).

Outro fator a considerar é o desejo de proteger o paciente e seus entes queridos da dor emocional associada ao reconhecimento da morte iminente. Profissionais de saúde podem sentir que ao evitar discussões sobre a morte, estão poupando os pacientes e suas famílias de sofrimento adicional. No entanto, essa abordagem pode, paradoxalmente, causar mais angústia, ao deixar questões não resolvidas e sentimentos de incerteza.

Segundo Santana et al., (2015) a comunicação clara e compassiva sobre o fim da vida é essencial para uma boa prática clínica e para o bem-estar dos pacientes. Já de acordo com Duarte, Almeida e Popim (2015) estudos mostram que pacientes bem informados sobre suas condições e expectativas de vida tendem a fazer escolhas mais alinhadas com seus valores e preferências pessoais, optando, por exemplo, por cuidados paliativos que melhoram a qualidade de vida em detrimento de tratamentos invasivos e, muitas vezes, fúteis. Além disso, famílias que participam de discussões abertas sobre a morte frequentemente relatam menos arrependimentos e uma melhor experiência de luto.

Portanto, a superação do tabu da morte no contexto hospitalar requer mudanças tanto na formação dos profissionais de saúde quanto na cultura institucional (Schmitt, 2023). A integração de treinamento em comunicação sobre o fim da vida nos currículos médicos, o fortalecimento do suporte emocional para profissionais de saúde, e a promoção de uma cultura hospitalar que valoriza a honestidade e a compaixão são passos cruciais (Duarte, Almeida, Popim, 2015). Além disso, a normalização das conversas sobre a morte como parte do cuidado contínuo pode ajudar a humanizar a experiência hospitalar e a oferecer um suporte mais eficaz aos pacientes e suas famílias.

Comunicação Sensível: A Arte de Transmitir Notícias Difíceis no Contexto Hospitalar

A comunicação sensível de notícias difíceis no contexto hospitalar é um aspecto fundamental do cuidado médico, envolvendo uma complexa mistura de habilidades emocionais, sociais e éticas (Gibello, Parsons, Citero, 2020). Para Longuinho et al., (2015) a forma como os profissionais de saúde transmite informações sobre diagnósticos graves, prognósticos desfavoráveis ou falecimentos pode ter um impacto profundo e duradouro sobre

pacientes e suas famílias. Diante do exposto pelo autor pode-se observar a importância da qualificação ou preparação na comunicação sensível e além de criar as melhores práticas que podem ser desenvolvidas por estes para lidar com essas situações delicadas.

Segundo Gibello e Amarins (2021) é essencial reconhecer que a entrega de notícias difíceis é uma tarefa emocionalmente carregada, tanto para o paciente quanto para o profissional de saúde. Pacientes podem experimentar uma gama de reações, incluindo choque, negação, tristeza e ansiedade. Para muitos, a forma como a informação é entregue pode influenciar significativamente sua resposta emocional e psicológica (Longuinho et al., 2015). Da mesma forma, os profissionais de saúde podem sentir-se desconfortáveis ou apreensivos ao lidar com estas situações, temendo causar mais sofrimento aos pacientes ou ter que lidar com reações emocionais intensas tanto do paciente quanto dos familiares.

A sensibilidade ao contexto e à individualidade do paciente é fundamental na comunicação de notícias difíceis. Cada paciente tem uma bagagem pessoal e emocional única, e o profissional de saúde deve considerar fatores como o nível de compreensão, o contexto cultural, e os valores pessoais ao abordar o assunto (De Souza Santos, Oliveira, 2021). Uma abordagem padronizada raramente é eficaz, pois ignora a singularidade de cada situação. O uso de linguagem clara, evitando jargões técnicos, e assegurando que o paciente compreenda completamente a informação são aspectos importantes na comunicação eficaz (Longuinho et al., 2015).

De acordo com Gibello e Amarins (2021) a preparação é outro elemento chave para a comunicação sensível, levando em consideração antes de transmitir notícias difíceis, os profissionais de saúde devem reunir todas as informações relevantes e preparar-se para responder a uma variedade de perguntas e preocupações. Na mesma linha de raciocínio do

autor percebe-se que a organização de um ambiente adequado, onde a privacidade e o conforto do paciente sejam assegurados, também é importante. Um local tranquilo e livre de distrações facilita uma conversa mais empática e focada.

A escuta ativa é uma habilidade fundamental neste contexto. Profissionais de saúde devem não apenas ouvir, mas também observar as reações não-verbais dos pacientes, como expressões faciais e postura corporal, para compreender melhor seu estado emocional (Monteiro, Siqueira, Trentin, 2021). Outro aspecto fundamental é a validação das emoções do paciente é igualmente importante; reconhecer e expressar empatia pelas reações do paciente demonstra compreensão e apoio.

Os profissionais de saúde também devem estar preparados para lidar com uma ampla gama de reações dos pacientes e seus familiares que também podem reagir com raiva, tristeza, choque ou até mesmo culpa (De Souza Santos, Oliveira, 2021). É fundamental que os profissionais mantenham a calma, ofereçam suporte emocional e evitem julgar as reações. A presença contínua e o oferecimento de apoio, como encaminhamentos para serviços de aconselhamento ou suporte psicológico, podem ajudar os pacientes a lidar com suas emoções de forma mais eficaz.

Em conclusão, a comunicação sensível de notícias difíceis no contexto hospitalar é uma arte complexa que requer empatia, preparo e uma compreensão profunda das necessidades individuais dos pacientes. Os profissionais de saúde que se esforçam para comunicar com clareza e compaixão podem mitigar o impacto emocional das notícias difíceis, proporcionando um suporte significativo e humano para pacientes e suas famílias em momentos de grande vulnerabilidade.

O Papel do Profissional de Saúde: Empatia e Preparo Emocional no Contexto Hospitalar

No contexto hospitalar, o papel do profissional de saúde transcende as habilidades técnicas e o conhecimento médico. A capacidade de demonstrar empatia e manter um preparo emocional adequado são competências importantes que afetam diretamente a qualidade do atendimento prestado (Ramos et al., 2019). Diante deste contexto deve-se examinar a importância da empatia e do preparo emocional, os desafios enfrentados pelos profissionais de saúde, e as práticas recomendadas para integrar essas competências no cuidado diário (Rozeira et al., 2024).

A empatia, a capacidade de compreender e compartilhar os sentimentos do outro, é uma habilidade fundamental no atendimento a pacientes, assim como promove uma relação terapêutica mais forte, melhora a satisfação do paciente e pode até influenciar positivamente os resultados clínicos (Rozeira et al., 2024). Já para Oliveira et al., (2021) os pacientes que percebem empatia em seus cuidadores experimentam menos ansiedade, melhor adesão ao tratamento e maior satisfação com os cuidados recebidos.

A empatia permite aos profissionais de saúde responder de forma mais eficaz às necessidades emocionais e psicológicas dos pacientes, proporcionando um atendimento que reconhece e valida as emoções dos pacientes pode reduzir a sensação de isolamento e vulnerabilidade frequentemente associada às doenças e hospitalizações (Pereira et al., 2022). A demonstração de empatia também fortalece a confiança e a comunicação entre pacientes e profissionais de saúde, sendo essencial para o planejamento conjunto de cuidados e para a tomada de decisões informadas.

Apesar de sua importância, a prática da empatia enfrenta diversos desafios no ambiente hospitalar. A sobrecarga de trabalho, a pressão por eficiência e o foco em resultados técnicos podem restringir o tempo disponível para interações empáticas. Além disso, profissionais de saúde frequentemente enfrentam situações emocionalmente desgastantes, que podem levar

à fadiga por compaixão, um estado de esgotamento emocional causado pela constante exposição ao sofrimento dos pacientes (Rodrigues, 2017).

Segundo Romano et al., (2019) o preparo emocional refere-se à capacidade do profissional de saúde de reconhecer, gerir e equilibrar suas próprias emoções enquanto lida com o sofrimento e a complexidade emocional dos pacientes. Este preparo é essencial para manter a eficácia do cuidado e a saúde mental do profissional.

Desenvolver e sustentar essas competências exige um compromisso com a formação contínua, o suporte organizacional e a adoção de práticas de autorreflexão. Ao priorizar a empatia e o preparo emocional, os profissionais de saúde podem oferecer um cuidado mais humano e eficaz, beneficiando tanto os pacientes quanto a si próprios (Romano et al., 2019).

0 Impacto Emocional nos Profissionais: Lidando com o Luto e a Perda no Contexto Hospitalar

No contexto hospitalar, os profissionais de saúde frequentemente se deparam com situações de luto e perda. A natureza intrínseca de suas responsabilidades, que envolve o cuidado de pacientes gravemente enfermos ou em estado terminal, expõe esses profissionais a frequentes experiências de morte, impactando profundamente seu bem-estar emocional (Faria, Figueiredo, 2017).

A vivência do luto e da perda pelos profissionais de saúde é uma realidade constante em ambientes hospitalares, especialmente em áreas como cuidados intensivos, oncologia, e unidades de cuidados paliativos (Nasser et al., 2020). Ao desenvolverem laços com seus pacientes, esses profissionais enfrentam a dor emocional quando um paciente falece. Esse processo pode ser particularmente desgastante quando o profissional esteve envolvido diretamente no

cuidado do paciente por longos períodos ou quando o paciente era jovem ou tinha um vínculo especial (Da Silva Assunção, Baquião, 2022).

Além do luto pela perda dos pacientes, os profissionais de saúde também podem experimentar uma forma de luto antecipatório, relacionado às situações em que a morte é inevitável (Dias, Martins, 2021). Esta antecipação da perda pode causar um desgaste emocional adicional, à medida que os profissionais tentam equilibrar a prestação de cuidados com a preparação emocional para a perda iminente.

Lidar com o luto e a perda é uma parte inevitável e desafiadora da prática profissional no contexto hospitalar, pois os impactos emocionais dessas experiências podem ser profundos, afetando a saúde mental, a eficácia no trabalho e a capacidade de oferecer cuidados compassivos (Faria, Figueiredo, 2017). Abordar esses desafios requer uma combinação de estratégias de autocuidado, suporte institucional e educação contínua.

Promover um ambiente de trabalho que reconheça e apoie as necessidades emocionais dos profissionais de saúde é essencial para ajudar a mitigar o impacto do luto e da perda (Rodrigues, 2017). Isso inclui o desenvolvimento de redes de suporte, a oferta de recursos de aconselhamento e a criação de espaços seguros para a expressão emocional (Dias, Martins, 2021). Ao investir no bem-estar emocional dos profissionais de saúde, as instituições não apenas melhoram a qualidade do atendimento aos pacientes, mas também promovem um ambiente de trabalho mais saudável e sustentável para aqueles que dedicam suas vidas ao cuidado dos outros.

Abordagens Culturais e Éticas na Comunicação da Morte no Contexto Hospitalar

No contexto hospitalar, a comunicação da morte é um processo intrinsecamente delicado que envolve uma série de considerações culturais e éticas (Huber et al., 2017). A diversi-

dade cultural dos pacientes e suas famílias, combinada com os complexos dilemas éticos enfrentados pelos profissionais de saúde, torna essa comunicação um desafio significativo (Cangera, Tembenuca, Muavassa, 2022).

A cultura molda profundamente as crenças, atitudes e práticas em torno da morte e do morrer. No ambiente hospitalar, é essencial que os profissionais de saúde reconheçam e respeitem essa diversidade cultural ao comunicar sobre a morte (Machado et al., 2016). Diferentes culturas têm maneiras distintas de entender e enfrentar a morte, e essas variações influenciam as expectativas dos pacientes e de suas famílias em relação à comunicação e aos cuidados no fim da vida (Da Silva Costa, 2024).

Por exemplo, em algumas culturas, a comunicação direta sobre um prognóstico terminal pode ser vista como desrespeitosa ou desencorajadora, enquanto em outras, a franqueza é valorizada e esperada. As práticas religiosas e espirituais também desempenham um papel importante, afetando a aceitação da morte, os rituais de luto e as decisões sobre intervenções médicas (Melo Junior, 2020). Compreender essas nuances culturais é fundamental para assegurar que a comunicação seja percebida como empática e apropriada.

A comunicação da morte no contexto hospitalar exige uma abordagem sensível que integre considerações culturais e éticas (Huber et al., 2017). A diversidade cultural dos pacientes e as complexas questões éticas associadas à comunicação da morte requerem uma prática adaptativa e informada (Cangera, Tembenuca, Muavassa, 2022). Desenvolver uma compreensão profunda das preferências culturais e aplicar princípios éticos com compaixão e sensibilidade são essenciais para fornecer um cuidado respeitoso e centrado no paciente.

Instituições de saúde e profissionais devem estar comprometidos com a formação contínua, o desenvolvimento de políticas claras e a promoção de um ambiente de trabalho que apoie a prática culturalmente competente e eticamen-

te sólida. Ao adotar essas abordagens, os profissionais de saúde podem melhorar a qualidade da comunicação da morte, garantindo que ela seja conduzida de maneira que respeite e honre os valores e necessidades dos pacientes e suas famílias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, a dificuldade em abordar a morte no ambiente hospitalar revela-se não apenas como um desafio prático, mas também como uma questão profundamente humana e ética. Profissionais de saúde enfrentam uma dualidade entre a necessidade de oferecer informação clara e compassiva aos pacientes e suas famílias, ao mesmo tempo em que respeitam as crenças culturais e os desejos individuais relacionados ao fim da vida. A complexidade dessa tarefa é agravada pela carga emocional que acompanha tanto os pacientes quanto os próprios profissionais.

A comunicação eficaz sobre a morte exige sensibilidade cultural, competência ética e habilidades de empatia desenvolvidas. Integrar esses aspectos não apenas promove um ambiente de cuidado mais humano e respeitoso, mas também fortalece a relação de confiança entre profissionais de saúde, pacientes e suas famílias. Investir em educação contínua, protocolos claros e apoio institucional é fundamental para capacitar os profissionais a enfrentar esse desafio de maneira ética e compassiva.

Ao reconhecer e abordar as dificuldades inerentes à comunicação da morte, os hospitais não só melhoram a qualidade do atendimento prestado, mas também oferecem um suporte essencial aos indivíduos que enfrentam momentos de grande vulnerabilidade. Em última análise, enfrentar a morte no ambiente hospitalar não se limita a uma tarefa técnica, mas representa um compromisso com a dignidade humana e o cuidado holístico, refletindo os mais altos valores éticos e humanitários da prática médica contemporânea.

REFERÊNCIAS

- CANGERA, Sebastião João Mauta; TEMBENUCA, Armindo Mineses; MUAVASSA, Castelio Gabriel. Procedimentos éticos no anúncio do óbito, do preenchimento e da entrega do certificado no Hospital Provincial de Chimoio: Ethical procedures in the announcement of death, completion and delivery of the certificate at the Provincial Hospital of Chimoio. NJINGA e SEPÉ: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras, v. 2, n. Especial II, p. 152-161, 2022.
- DA SILVA ASSUNÇÃO, Odaiza; BAQUIÃO, Leandra Aurélia. LUTO NA EQUIPE DA SAÚDE. Revista Saúde em Foco – Edição nº 14 – Ano: 2022, pag. 887- 902.
- DA SILVA COSTA, Luis Henrique. O DILEMA CHAMADO MORTE. Revista Cedigma , v. 1, não. 1 pág. 1-12, 2024.
- DE LUCENA, Adriana Lira Rufino et al. Morte no ambiente hospitalar: analisando a percepção de graduandos em enfermagem. Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança, v. 12, n. 1, p. 6-16, 2014.
- DE PAULA, Blanches; DE SOUZA, Lindolfo Alexandre. O tabu da morte na modernidade: a COVID-19 como um reforço ao interdito. Caminhos de Diálogo, v. 8, n. 13, p. 165-176, 2020.
- DE SOUZA SANTOS, Lorraine Alves; OLIVEIRA, Marluce Alves Nunes. DILEMAS ÉTICOS VIVIDOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE AO COMUNICAR MÁS NOTÍCIAS AOS FAMILIARES DE PESSOAS ASSISTIDAS EM UNIDADE DE EMERGÊNCIA. Anais dos Seminários de Iniciação Científica, n. 25, 2021.
- DIAS, Luana Ferreira Gomes; MARTINS, Wesley. O impacto do luto para os profissionais de enfermagem da unidade de emergência. Research, Society and Development, v. 10, n. 14, p. e261101421972-e261101421972, 2021.
- DUARTE, Anaisa Caparroz; ALMEIDA, Débora Vieira de; POPIM, Regina Célia. A morte no cotidiano da graduação: um olhar do aluno de medicina. Interface-Comunicação, Saúde, Educação, v. 19, p. 1207-1219, 2015.
- FARIA, Simony de Sousa; FIGUEREIDO, Jowilma de Sousa. Aspectos emocionais do luto e da morte em profissionais da equipe de saúde no contexto hospitalar. Psicologia hospitalar, v. 15, n. 1, p. 44-66, 2017.
- GIBELLO, Juliana; PARSONS, Henrique Afonseca; CITERO, Vanessa de Albuquerque. Importância da comunicação de más notícias no centro de terapia intensiva. Revista da SBPH, v. 23, n. 1, p. 16-24, 2020.
- GIBELLO, Juliana; AMARINS, Melina Blanco. 9. Comunicação de más notícias no contexto hospitalar. O psicólogo no hospital: da prática assistencial à gestão de serviço, p. 145, 2021.
- GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. Ed. Editora Atlas AS, 2008
- HUBER, Darliz Justino et al. Desafios e conflitos éticos vivenciados pela equipe de enfermagem com paciente em processo de morte e morrer. Inova Saúde, v. 6, n. 2, p. 50-72, 2017.
- LONGUINHO, Rodrigo Barbosa et al. Comunicando notícias difíceis na unidade de terapia intensiva. Arquivos Catarinenses de Medicina, v. 44, n. 1, p. 82-92, 2015.
- MELO JUNIOR, Ivaldo Menezes de et al. A espiritualidade e a religiosidade dos médicos na comunicação da morte encefálica aos familiares. Rev enferm UFPE [on line], p. 493-9, 2015.
- MONTEIRO, Daniela Trevisan; SIQUEIRA, Aline Cardoso; TRENTIN, Leonardo Soares. Comunicação de notícias difíceis em uma unidade de oncologia pediátrica. Boletim-Academia Paulista de Psicologia, v. 41, n. 101, p. 205-216, 2021.
- NASSER, Stella Nabuco et al. O impacto da morte em profissionais da saúde em contexto hospitalar. **Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental**, v. 9, n. 2, p. 58-66, 2020

- OLIVEIRA, Sílvia Ximenes et al. Enfrentamento emocional de enfermeiros cuidadores de pacientes oncológicos. *Revista de Ciências Médicas e Biológicas*, v. 20, n. 1, p. 83-88, 2021.
- PEREIRA, Iranilton Marcolino; BEZERRA, Josenildo Soares. DO HILÁRIO AO SINISTRO: A PUBLICIDADE EO USO DO HUMOR PARA LIDAR COM O TABU DA MORTE. *Colección Académica de Ciencias Sociales*, v. 2, n. 1, p. 15-29, 2015.
- PEREIRA, Rui Pedro Gomes et al. Competência emocional dos profissionais de saúde num contexto de uma unidade de cuidados coronários: estudo de abordagem qualitativa com recurso a tecnologias online. *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social: RPICS*, v. 8, n. 1, p. 3, 2022.
- RAMOS, Eliza Miranda et al. O resgate da empatia no profissional de saúde no brasil em cuidados paliativos: uma revisão sistemática. *Perspectivas Experimentais e Clínicas, Inovações Biomédicas e Educação em Saúde (PECIBES)*, v. 5, n. 1, 2019.
- RODRIGUES, Pedro Alexandre da Rosa. Determinantes da competência emocional de profissionais em saúde na abordagem ao doente crítico. 2017. Tese de Doutorado.
- ROZEIRA, Carlos Henrique Barbosa et al. Ouvindo com empatia, cuidando com dedicação: Promovendo comunicação humanizada no contexto da saúde. Seven Editora, p. 208-227, 2024.
- SANTANA, Crisley Buqueroni et al. A história da morte no ocidente e o contexto social como fator de risco para o suicídio. *Rev. Ambiente acadêmico*, v. 1, n. 2, 2015.
- SCHMITT, Juliana. **Três lições da história da morte**. Editora UFRJ, 2023.